problemas metodológicos do teste de Rorschach no meio brasileiro *

MONIQUE AUGRAS

As presentes "Jornadas" chegaram no devido momento. Após a regulamentação da profissão de Psicólogo, tornou-se oportuna a procura de normas para as especialidades. Não acredito que o objetivo destas reuniões seja determinar ritos estritos de aplicação e interpretação do Teste de Rorschach, o que seria inadequado. É mister reconhecer, porém, que há atualmente uma grande desconexão, tanto na aplicação e interpretação, como no ensino dessa técnica. Vemos muita gente aplicar e interpretar indevidamente o teste. Vemos que pessoas estranhas à profissão o utilizam. Assistimos, (poucas vêzes felizmente), à divulgação incontrolada. Parece mais do que necessário o estabelecimento de um tipo qualquer de ordenação.

Dentro da aplicação correta, feita por psicólogos categorizados, aparecem, entretanto, outros problemas, não menos sérios. Classifica-los-ei, distinguindo os problemas de *escolas*, os problemas de *normas*, os problemas de ensino ou de *aprendizagem*.

(*) Comunicação apresentada nas I Jornadas do Psicodiagnóstico de Rorschach, em São Paulo, outubro de 1966.

A primeira questão diz respeito à diversidade das Escolas de Interpretação. Todos os presentes pertencem a Escolas Múltiplas, seguindo correntes diferentes. É bem evidente que a qualidade da interpretação é nesse caso determinante, e pouco importa, no fundo, que o psicólogo siga o sistema de Klopfer, ou de Beck, ou de Bohm, ou de Ombredanne, etc., contanto que saiba de que se trata. O problema da diversidade de Escolas, e, por conseqüência, de sistemas de notação, é um problema internacional. Alguns tentaram resolvê-lo, preconizando a adoção de um sistema internacional de notação, escrito em latim. Até hoje, tal solução ganhou poucos adeptos.

Não há motivos para elegermos um sistema de notação e um só. Cada um apresenta vantagens e desvantagens. Para o principiante, entretanto, o assunto é mais dramático. O aprendiz tende a perder-se nessa floresta de símbolos, em que algumas siglas são utlizadas com sentidos completamente diferentes, conforme a Escola. (É o caso por exemplo do K para Klopfer ou para Ombredanne-Canivet). Acredito que o menos que se deveria exigir, tanto do professor que vai ensinar o Rorschach, como do pesquisador que redige um trabalho, é indicar de maneira inequívoca o sistema de notação que adote. Pois há casos teratológicos, que utilizam dois sistemas de notação, ou mais, dosando a mistura não se sabe como nem porquê. Tais sistemas de notação, que não vacilaríamos em chamar de bastardos, são infelizmente freqüentes. O problema, é claro, relaciona-se com a precariedade do contrôle do ensino e da aplicação do teste de Rorschach.

Nessa perspectiva, aparece também o fenômeno inverso: A transmite para B, B para C, C para D, e assim por diante, até chegar, digamos, ao indivíduo G. A pessoa A conhecia bem o Rorschach, B aprendeu corretamente, mas perdeu o contato com A, e, entregue à própria sorte, tornou-se inseguro. A insegurança, como sabemos, é mãe da rigidez. Procurando um apoio, B vai então adotar uma atitude dogmática. C, recebendo o ensino de B, vai tornar-se ainda mais inseguro que B, e também mais rígido. Ao chegar a G, não teremos mais que umas fórmulas estereotipadas, pobres, uns verdadeiros ritos de interpretação. A riqueza da interpretação dinâmica perde-se no caminho.

Essa caricatura, que apresentamos, não é tão rara como se pensa. Evidencia bem a necessidade, não só de bases seguras para estudar

o Rorschach, como também de um contrôle constante e de uma *comunicação* entre os estudiosos.

Se, no estado atual das coisas, não podemos remediar à diversidade dos sistemas de interpretação — que não é só negativa, pois permite uma multiplicidade de pontos de vista — caberia tomar nestas Jornadas resoluções no sentido de exigir que, em cada publicação ou curso, o psicólogo indique claramente qual o sistema utilizado.

O PROBLEMA DAS NORMAS:

A nosso ver, é êste o problema mais grave, já que diz respeito à própria validade do Rorschach. Todos nós damos a maior importância ao psicograma, isto é, o conjunto dos resultados numéricos e percentagens. Temos normas alemãs, francesas, suíças, norte-americanas. Brasileiras, não as possuímos.

Parece-nos fundamental estabelecer normas de levantamento, particularmente no caso de características muito de perto ligadas ao meio cultural: as Banalidades, os F+, as localizações. Por ser oriunda de outro meio, talvez, a autora destas linhas tenha sentido com maior pungência êsse problema. Aprendeu normas franco-suíças, mas nunca se achou autorizada a aplicá-las no meio brasileiro.

Devemos prestar homenagem aos trabalhos de Glória Quintela que, em 1955, publicou nos "Arquivos Brasileiros de Psicotécnica" os resultados de uma pesquisa realizada nesse sentido. O número de protocolos analisados foi de 300 (200 homens adultos e 100 mulheres). Como bem ressaltou a Autora, contudo, essa pesquisa foi de caráter mais indicativo, caberia estendê-la, levantando pelo menos mil ou dois mil protocolos.

Juntando a experiência, e os arquivos, de todos os participantes destas Jornadas, não teríamos milhares de protocolos? Não seria oportuno, agora que os psicólogos mais interessados no Rorschach estão aqui reunidos, aproveitar o simpósio para lançar uma pesquisa conjunta?...

Todos os presentes comprometer-se-iam, então, a levantar os resultados brutos, mandá-los a uma equipe que os coordenaria, computaria, e, a partir das freqüências observadas, viria afinal a elaborar uma lista de respostas e de cotações válidas para o meio brasileiro. Aqui está o nosso apêlo.

O PROBLEMA DO ENSINO:

Ao examinar o assunto, encontramos um problema já ventilado: o da falta de unidade, devida à formação heterogênea dos psicológos. Temos também o aspecto deontológico: a quem se deve ensinar o Rorschach? Apenas aos psicólogos, pensamos. Diàriamente porém nos defrontamos com anúncios de "Cursos de Rorschach", abertos a médicos, assistentes sociais, orientadores educacionais, etc.... É a velha questão do contrôle da aplicação e interpretação do Rorschach. Acreditamos que não há evidentemente necessidade de ensinar a técnica aos que, por lei, não poderão utilizá-la.

O que mais interessa aqui, no entanto, são as perguntas a respeito do próprio ensino. Qual será o nível mínimo exigido? 3.º ano de Faculdade? 4.º ano? Qual a duração mínima do Curso de Rorschach? A sua forma (curso rápido, ou seminário estendido no ano todo)? Quais as provas de competência (prova de tipo escolar, ou apresentação de um trabalho)? Poderíamos multiplicar as indigações.

Acreditamos que compete precisamente aos participantes destas Jornadas delimitar normas para o ensino do Rorschach e para contrôle da sua aplicação.

Como informação, gostaríamos de descrever aqui um exemplo, o da "Sociedade Francesa de Rorschach e Técnicas Projetivas", da qual fazemos parte. Não queremos apontá-lo como solução que nos convenha, tal como está. Julgamos, contudo, interessante dar as grandes linhas que orientam tal Associação.

O ensino do Rorschach faz-se sob forma de seminários que funcionam ao longo do ano escolar, à razão de uma sessão, de 1 hora e meia a 2 horas, por semana. Dois anos de estudos são considerados o mínimo, sendo aconselhado a seguir mais um ano de Aperfeiçoamento (Rorschach de crianças, Rorschach e psicopatologia, Rorschach e seleção profissional, etc...). São, portanto, 3 anos ao todo.

Para participar dêsses seminários, franqueados a psicólogos e estudantes de psicologia, são exigidos 2 Certificados de Licença, no mínimo, o que equivale ao nível do 3.º ano das Faculdades brasileiras.

Os professôres são todos membros da Associação (Canivet, Anzieu, Suarés, Rausch de Traubenberg, Durand de Bousingen, Beizmann). Para ingressar na Associação, o psicólogo deve ter seguido os 3 anos de seminário, e apresentar, por escrito, a interpretação detalhada de um protocolo, ou já ter publicado uma pesquisa sôbre o Rorschach. Deve, outrossim, ser apresentado por dois membros de Conselho Diretor da Associação. Sendo aceito, está habilitado a aplicar e interpretar o teste, e posteriormente, a ensinar-lhe a técnica.

Atualmente, a Associação Francesa apresenta-se como um clube algo fechado. Basta dizer que o quadro todo conta apenas com o número máximo de 75 membros. Tal exigüidade não deixa de representar uma garantia de qualidade. Há, porém, uma falha que diz respeito ao contrôle do ensino e da divulgação do Rorschach. A profissão de psicólogo ainda não tem *status* na França. Muitos manipulam o Rorschach sem possuir as devidas credenciais. E, ao nosso conhecimento, a Associação Francesa não dispõe de recursos legais para opor-se ao uso indevido do Rorschach. Permanece sobretudo como "aristocracia", sem meios, por ora, de impedir que outros apliquem o Rorschach a seu modo.

Essa Associação mantém uma publicação, "Boletim" anual, que, infelizmente, não sai com muita regularidade e não tem a divulgação que mereceria. A Associação vem lutando, há anos, para fazer incluir a cadeira de ensino do Rorschach dentro do currículo do Curso de Psicologia. Conseguiu isso no Curso do Instituto de Psicologia da Universidade de Paris, sendo Cécile Beizmann a professôra responsável pela cadeira. Mas, no Curso de Licença de Psicologia, da Sorbonne, ainda não se ensina o Rorschach.

Do exemplo da Associação Francesa poderíamos tirar alguns ensinamentos: a organização de seminários demorados, as exigências para ingresso, a publicação de uma revista, tudo isso nos parece digno de ser seguido. A sua parte mais fraca é, sem dúvida, a falta de contrôle da aplicação do teste de Rorschach. E gostaríamos de concluir insistindo na necessidade, no nosso meio, de realizar tal contrôle.

Esta exposição, a falar a verdade, consistiu mais numa lista de perguntas, dúvidas, indagações. Acredito que todos nós sentimos êsses problemas, com maior ou menor acuidade, conforme o campo em que trabalhemos. Para uns, é o problema do ensino e do contrôle que será mais premente. Para outros, talvez seja a necessidade de estabelecer as normas brasileiras. Para todos, porém, as soluções não estão fora de alcance.

Em particular, o projeto de uma pesquisa visando a estabelecer normas brasileiras parece perfeitamente realizável, desde já. Basta a cooperação de todos, que com certeza não faltará.